

GERMANO F. SACARRÃO,
 "BIOLOGIA E SOCIEDADE", Vol. 1
 "CRÍTICA DA RAZÃO
 DOGMÁTICA" e Vol. 2
 "O HOMEM INDETERMINADO"
 Publicações Europa-América,
 Mem Martins, 1989.



BIOLOGIA, SOCIEDADE E SACARRÃO

O Professor Germano Sacarrão tem sido um dos autores de divulgação científica mais prolixos entre nós, tendo desenvolvido desde há bastantes anos (desde 1945, ainda não havia DNA!) ampla actividade de escrita sobre ciências da vida. O seu último livro, "Biologia e Sociedade", em dois amplos volumes, com a chancela das Publicações Europa-América, tem sido injustificadamente pouco referenciado. Se é justo afirmar que é curta a obra de divulgação científica de autores portugueses, importante se torna referir as excepções que infirmam a regra. Que viva pois esta excepção!

Numa prosa escorregada e extraordinariamente legível (o bom português contrasta com as retroversões de um inglês qualquer que por aí pululam), Sacarrão efectua um estudo quase que exaustivo das complexas relações entre biologia e sociedade, adoptando como tese central a afirmação de que são inapropriadas e perigosas muitas das conclusões no domínio do social que alguns (por exemplo, os sociobiólogos extremistas, a "nova direita") têm procurado extrair das descobertas da moderna biologia. O prefácio é bem claro

sobre os propósitos do autor: "Toda a tentativa de aplicar à sociedade e ao indivíduo os resultados da biologia transmite quase sempre uma ideologia, traduz, em regra, uma atitude política, mesmo que o autor, biólogo ou não, não se dê conta disso, mesmo que o não queira. Por isso me parece ser de fundamental importância explicitar os preconceitos, tentar desmontar as conexões da ciência com a sociedade, revelar as ideologias subjacentes, as influências em jogo, submeter à dúvida e à crítica toda a referência à biologia moderna, em particular as explicações biológicas da sociedade e do comportamento individual e colectivo".

Passa depois nas 382 + 358 = 740 páginas em revista questões como a evolução (que toma quase todo o primeiro tomo), a violência, o racismo, a regulação genética, a inteligência humana etc., analisando aquela zona nebulosa onde acaba a ciência e começa a ideologia, onde a consciência crítica é chamada ao conhecimento técnico e a ética é chamada à acção. Trata-se de um livro que resume e de certa forma coroa todo um trabalho de análise e reflexão baseado na zoologia, de que o

autor é especialista, mas focado afinal na espécie humana e nas suas virtualidades culturais. Qual é a distância exacta entre o animal e o homem? Dir-se-ia que ela tem encurtado ao longo dos últimos anos com as investigações genéticas, com o melhor conhecimento do cérebro, com os estudos de etologia. Sacarrão vem-nos dizer que essa distância não corre o risco de encurtar para zero, que o homem é um animal particularíssimo, moldado pela história e pela comunidade. Defende que é longo, cheio de atalhos e talvez impossível de percorrer na totalidade o caminho entre o ADN da célula e o comportamento humano. O homem não será um simples juguete dos genes mas um produto cultural complicado, inextricável, imprevisível, fruto tanto do inato como do adquirido.

O autor é forte nesta e noutras afirmações que faz mas não arrisca muito em especulação própria. Coloca dificuldades sobre dificuldades ao percurso biológico-reducionista mas, uma vez instalada a dúvida, deixa-a por resolver. Refere autores diferentes e diz, pacificamente, que nem tanto ao mar nem tanto à terra, que nem tanto aos genes nem tanto

à sociedade, e que a virtude estará possivelmente num meio termo ainda a definir. Não chega portanto a ser polémico (nem, de resto, era preciso que o fosse). A polémica, porém, é que faz o milagre da multiplicação dos leitores e da criação dos "best-sellers".

Sacarrão critica alguns desses milagreiros da edição. Ocorre aqui referir, por exemplo, Stephen Jay Gould, o paleontólogo e prolixo divulgador da Universidade de Harvard, que arriscou a teoria do "equilíbrio intermitente", segundo a qual a evolução biológica se processa por revoluções ocasionais intervaladas por pausas mais ou menos longas. No seu último livro, "Wonderful Life", Gould defende que o elemento do acaso é essencial no processo de desenvolvimento biológico. As suas teses, embora polémicas, têm vindo ultimamente a encontrar um eco alargado. Sacarrão refere Gould mas não lhe confere demasiada importância, adoptando uma posição gradualista e "conservadora". Outro exemplo: Desmond Morris foi polémico com o "Macaco Nu", onde pretendia "animalizar" o homem. Sacarrão chama-lhe, no mínimo, um exagerado, subentendendo-se que é preciso vestir o macaco. Em questões de doutrina, Sacarrão é obviamente moderado ou, se se preferir, céptico. Monod, outro exemplo ainda, é conhecido pela sua explicação natural e reducionista da evolução humana. Sacarrão arruma-o, assim como aos seus seguidores, com alguns comentários, ainda que aparentemente pertinentes, sobre a inseparabilidade da natureza e da cultura. Isto para não falar já de K. Lorenz e de E. Wilson, que não são poupados. Esses publicitários (Sacarrão dixit) são todos, uns mais e outros menos, exagerados.

Estamos perante um livro prudente que coloca travões à euforia desenfreada de alguns biólogos. Desaconselha a

embandeirar em arco com as extrapolações das ciências da vida. Pode-se evidentemente ir a Sacarrão buscar uma referência apropriada ou uma sinopse oportuna. Mas não é nem será uma obra de divulgação que entusiasma e emocione um público vasto, ou a imaginação dos jovens, como acontece com alguns dos autores discutidos.

Se é permitida uma crítica, diga-se que o discurso é amiúde universitário e formal. Está certo que todo o autor tem o supremo direito ao seu estilo mas uma pitadinha de espírito, o humor que um Gould ou um Dawkins magistralmente conseguem, tornaria a leitura mais cativante. "Biologia e Sociedade" é leitura de fundo que não se aconselha a pessoas pouco treinadas (leitores de "best-sellers") mas que se aconselha às outras todas. O tamanho é resultado tanto do número e variedade de temas abordados como de algumas ênfases e citações. Encontram-se algumas repetições, que servem para reforçar a mensagem expressa mas que tornam o texto esforçadamente grande. As transcrições dos autores referenciados são feitas em inglês ou francês, sem tradução, em excertos por vezes longos (diga-se de passagem que soa a falso ler, por exemplo, Erich Fromm ou Eibl-Eibesfeldt, em francês).

Algumas palavras sobre a edição. Sacarrão deve ser velho conhecido de Lyon de Castro, pois este tem-lhe publicado a obra desde há muito tempo. A colecção "Saber" da

Europa-América é pioneira da divulgação científica em Portugal (há, bem entendida, a colecção "Cosmos" anterior) e em 1957, muitos antes de Chernobyl, já lá surgia a "Radioactividade e a Vida", de Sacarrão. Este escriba confessa que o primeiro livro que leu desse género foi da colecção "Saber" — a "História do Átomo", do prémio Nobel, G. Thomson, filho do primeiro prémio Nobel da Física, J. J. Thomson. Custou-lhe trinta escudos.

Confessa ainda que tem uma recordação saudosa da série "O homem perante a Ciência" da Europa-América, contendo debates vivos que lhe alimentaram as fantasias científico-sociais da adolescência. Confessa finalmente que leu, já no declinar da adolescência, alguns clássicos das colecções "Estudos e Documentos" e "Biblioteca Universitária" ainda da Europa-América" (o Morin e os outros). Isto dito, falta acrescentar quanto o tem desiludido a nova colecção "Forum da Ciência" da mesma Europa-América. Escolhas pouco criteriosas de títulos, traduções miseráveis, revisões assassinas (um livro de Gribbin surgiu até com o nome do autor gralhado na capa!).

O livro de Germano Sacarrão não está na colecção "Forum da Ciência" e ainda bem. Não tem gralhas: pode o leitor ir de candeia acesa a ver se as caça que se lhe vai esgotar o azeite. O autor ou alguém por ele deve ter queimado as pálpebras a escarpelizar e rever a prosa. As referências são minuciosas e cuidadas (embora

faltarem referências a traduções portuguesas; por exemplo, todos os livros mencionados do Sagan existem em versões portuguesas e "O Acaso e a Necessidade" de Monod existe em português na mesmíssima "Biblioteca Universitária" da Europa-América onde "Biologia e Sociedade" veio a lume). O papel e a tinta são bons e justificam, pelo menos em parte, o elevado preço dos livros. Trata-se de uma obra que, se do ponto de vista do "conteúdo" pode eventualmente soçobrar aos previsíveis avanços das ciências biológicas, do ponto de vista do "continente" vai durar muitos anos.

Estamos em presença de dois volumes bem pensados e bem escritos, sérios e parcimoniosos, e que por isso se recomendam. É bom para ler depois do Lorenz ou do Wilson, para fazer esvanecer certezas. Em português é dos melhores tratamentos das implicações da biologia no mundo de hoje. Convém pôr a ênfase no "em português" porque estamos num país onde tanto a empresa científica propriamente dita como os seus aspectos ideológicos não têm sido devidamente comentados. Conforme diz Sacarrão, a biologia portuguesa tem vivido bastante da chaveta, da classificação, ignorando pura e simplesmente o enquadramento doutrinário de Darwin e a sua saudável discussão. Pior do que contestar Darwin (o que acontece, enfim, em todos os países civilizados) é ignorar Darwin. E entre nós ignorou-se e ignora-se Darwin. Não pode haver biólogos anti-darwinistas

assim como não pode haver físicos anti-einsteinianos, mas existem várias modalidades de darwinismo. A ausência de diálogo não ajuda a discernir o trigo do joio. O público, mesmo o "soi disant" culto e interessado pelas ciências da vida, vive na inércia. Nem sequer houve ainda uma boa polémica como aquela que houve e há nos Estados Unidos entre evolucionistas e darwinistas. Lima de Faria, um contestatário de alguns aspectos de Darwin, está emigrado em Lund, na Suécia, e escreve para uma grande editora científica holandesa como a Elsevier (em Portugal, pouca gente o conhece).

Darwin foi uma figura paradigmática da ciência no sentido em que levou a biologia a um confronto com a sociedade vitoriana de então. Hoje em dia, os lugares de encontro e cruzamento entre biologia e sociedade são múltiplos e bem visíveis. Sacarrão vem enriquecer o nosso património científico-cultural, invocando judiciosamente Darwin, lamentando-se da falta de recepção a Darwin e, indo mais longe, falando das potencialidades e limites do genoma humano, explicando as capacidades e perigos da engenharia genética, discutindo o modo como a biologia está a subsidiar o nosso presente e como vai impregnar, para o bem e para o mal, o nosso futuro.

Leia-se pois esta advertência de um biólogo sábio sobre as possibilidades e as impossibilidades do saber biológico.

CARLOS FIOLEAIS

cristalina